# OS NOVÍSSIMOS
## *Escatologia*

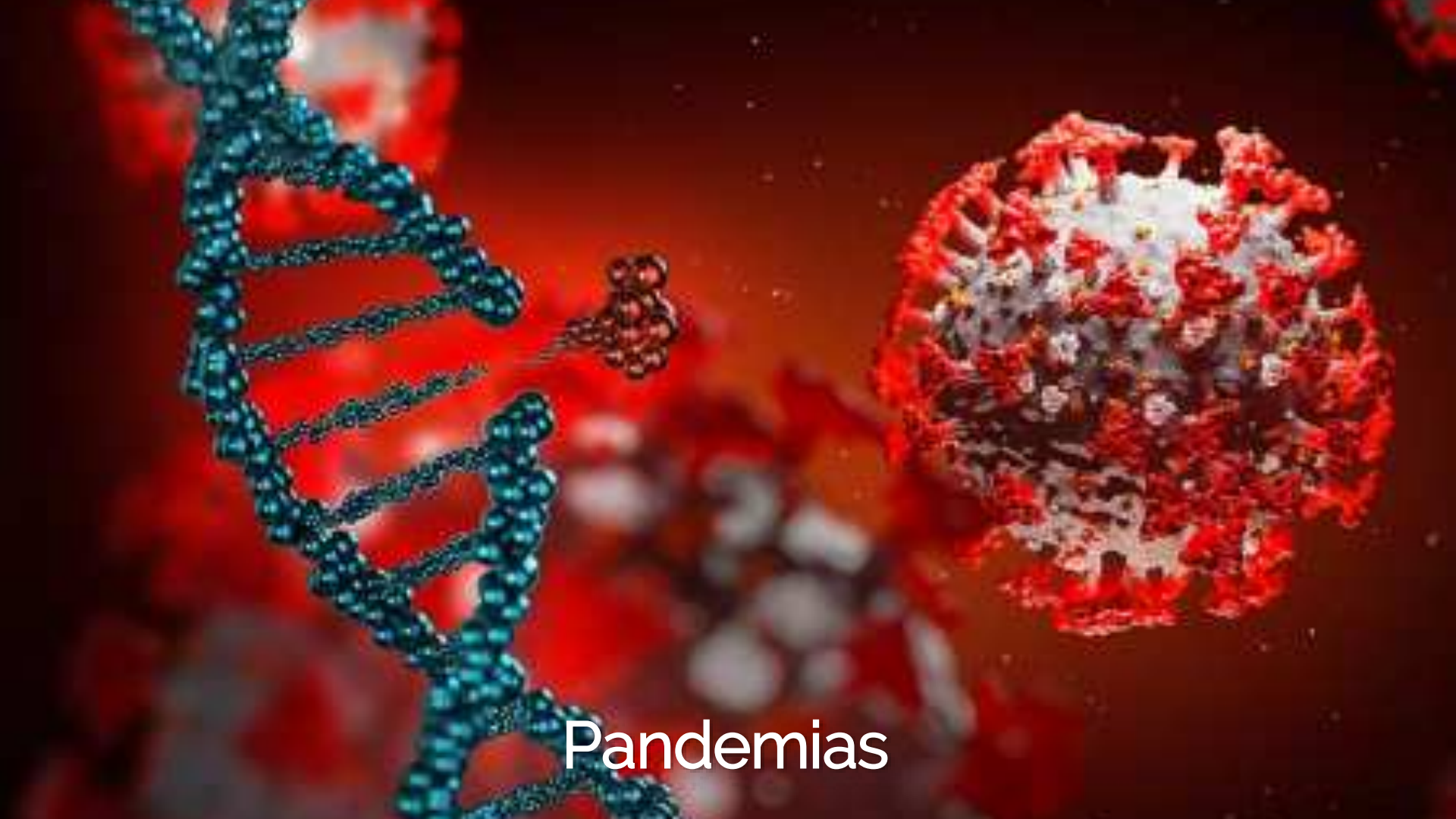
**Altierez dos Santos**

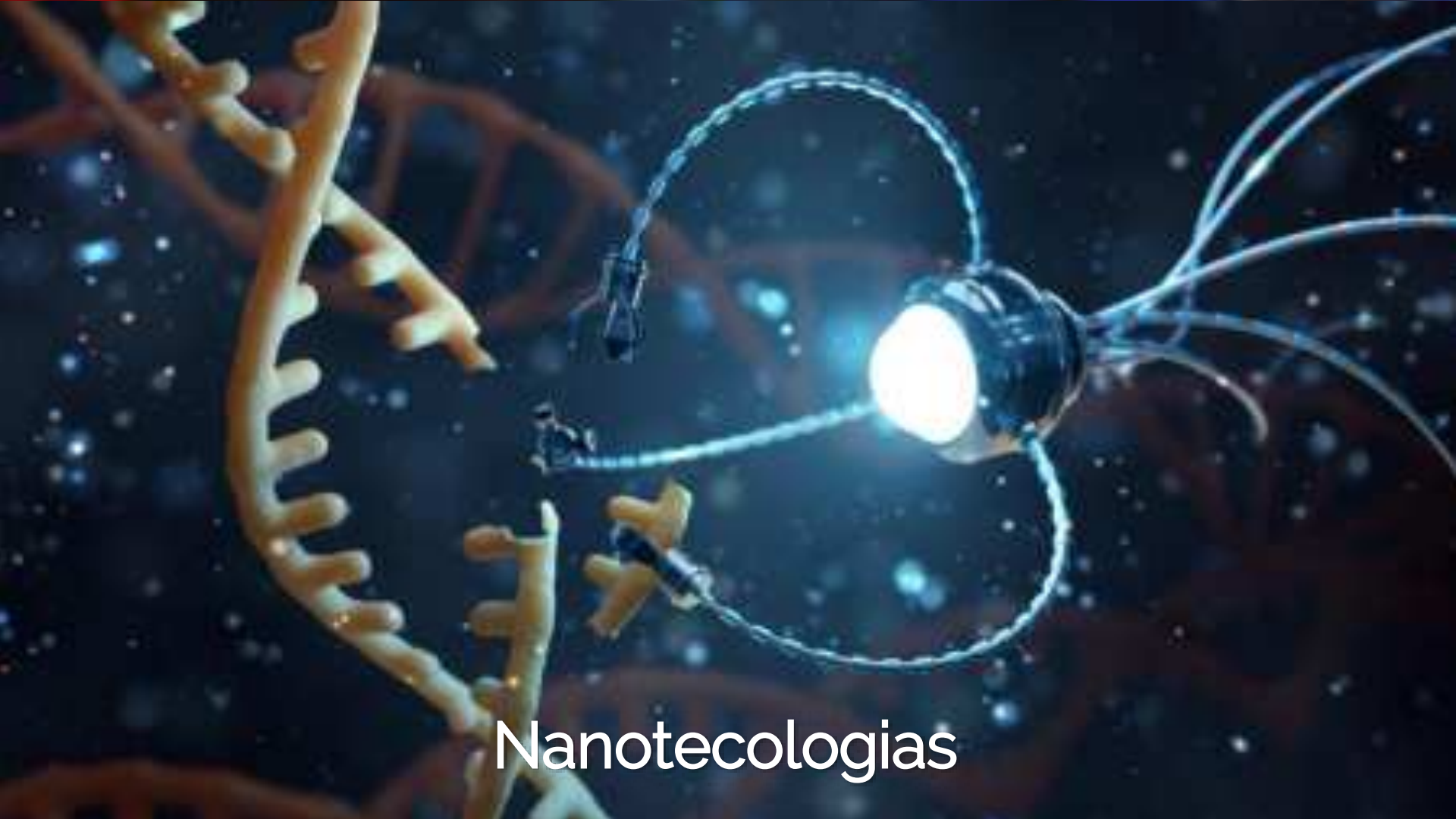
# O FIM DO MUNDO

O fim do mundo em cataclismos imensos não é algo impossível e a ciência se assombra com as MILHARES DE POSSIBILIDADES do mundo acabar.

# Asteroides e corpos celestes

Guerras ou acidentes nucleares


Pandemias

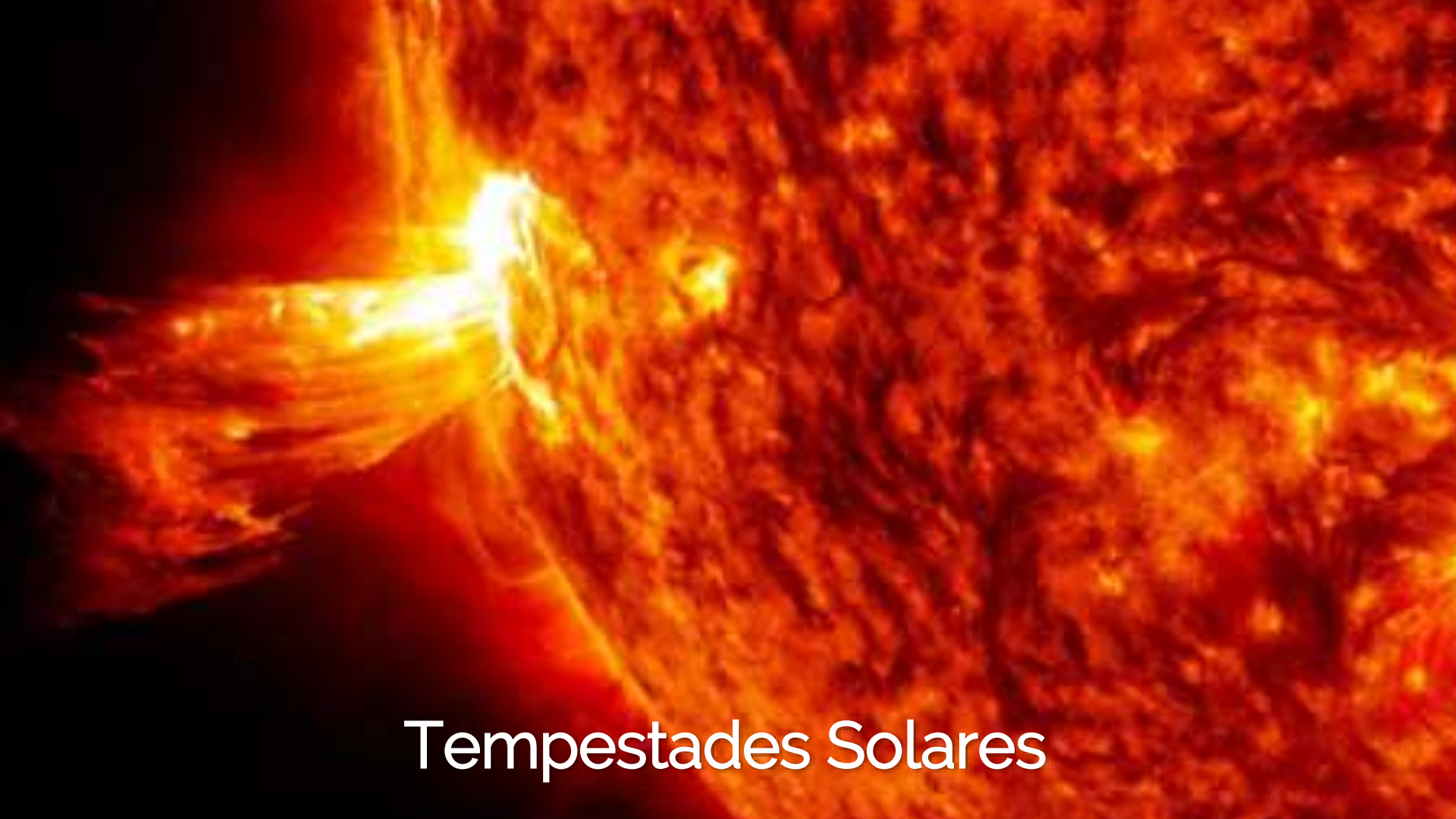

Nanotecologias

Super convulsões

Aquecimento global

# Inteligência artificial

# Buracos negros



# Tempestades Solares

# OS NOVÍSSIMOS

# ESCATOLOGIA: mistério além da compreensão e dos modelos humanos.

O que diz a

# SAGRADA ESCRITURA?

“o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, tudo o que Deus preparou para os que o amam” (1Cor 2,9).

A Escatologia é baseada profundamente nas palavras e ensinamentos do CRISTO.

Mas infelizmente, para os católicos, ela é primeiro, DESCONHECIDA, segundo, RECUSADA.

DESCONHECIDA, pois não estudam sobre ela.

RECUSADA, pois estão apegados a visões humanas de “justiça” e não conhecem a Bíblia.

Jesus fala de condenação e de penas eternas? Sim, em muitas passagens, pois Jesus dialoga com a antiga tradição judaica.

MAS...

A visão de Jesus vai além da visão que os judeus tinham. Jesus dá ênfase ao amor, perdão, acolhimento.

Temos ainda um segundo apocalipse nos sinóticos, o qual constituiria uma peça central da pregação de Jesus:

# LUCAS 17,20-37

Os dois apocalipses sinóticos diferem. Enquanto Mc 13 acentua os “sinais” que alertam para a chegada do fim, Lc 17,20-37 afirma insistentemente a impossibilidade de prever tal acontecimento.

Jesus adverte que a escatologia não é como pensamos ou queremos: o juízo de Deus é SOBERANO. “Não julgueis para não serdes julgados” (7,1). É também INSONDÁVEL (cf. Rm 11,33) e não pode estar preso à doutrina  da retribuição (cf. Lc 6,32; 13, 1-5; Jo 9,2s).

Nas parábolas, Jesus mostra que a Justiça de Deus é diferente da nossa. Ele não compartilha da TEOLOGIA DA RETRIBUIÇÃO, mas revoluciona a maneira de compreender a “recompensa” de Deus.

Para Jesus, as categorias de recompensa e castigo não se aplicam à vida terrena, mas dizem respeito à vida eterna. A recompensa de Deus será a salvação, o “tesouro no céu” (Mt 6,20).

Engana-se quem pensa que as desgraças são castigo divino por pecados pessoais, assim como quem acha que pode alcançar a graça de Deus por mérito próprio (cf. Lc 13,1-5; Mt 6,2-16).

Diante de Deus, a atitude do ser humano  deve ser aquela do servo inútil (cf. Lc 17,10). O ser humano não pode fazer exigências a Deus a título de direito para obter alguma retribuição (cf. Mt 20,1-15).

Jesus, portanto, modifica o conceito de recompensa ou retribuição: a medida  será a livre e soberana bondade de Deus.
Trata-se do Pai misericordioso que se alegra profundamente pelo pecador que se arrepende, pelo filho que retorna à casa e à vida (cf. Lc 15). O Pai perdoa e retribui, mas não por causa de direitos especiais.

Jesus traz uma CONSOLAÇÃO UNIVERSAL, não uma PROMESSA INDIVIDUALISTA.

“Portanto, não nos destinou Deus para a ira, mas sim para alcançarmos a salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 5,9).

Embora sempre houve um alerta para penas e suplícios eternos, também sempre foi destacado o caráter glorioso do Juízo Final:

Há uma ligação entre julgamento e Parusia, como ensina o símbolo niceno-constantinopolitano (325/381): "E VIRÁ NOVAMENTE NA GLÓRIA PARA JULGAR OS VIVOS E OS MORTOS". O juízo será uma manifestação de poder e não uma ação judicial".

O Juízo Final acontecerá por ocasião da volta gloriosa de Cristo. Só o Pai conhece a hora e o dia desse Juízo, só Ele decide de seu advento. Por meio de seu Filho, Jesus Cristo, Ele pronunciará então sua palavra definitiva sobre toda a história. [...]O Juízo Final revelará que a justiça de Deus triunfa de todas as injustiças cometidas por suas criaturas e que seu amor é mais forte que a morte (CaIC 1040).

“[...] Se, no final, Deus não supera o mal de uma vez por todas, o mal se tornaria eterno como o próprio Deus”. A imagem do juízo final perde todo o sentido se não se admitir a esperança de uma justiça escatológica, executada de alguma forma transcendente e final, além dos limites da vida, da morte e da história.

MCKENZIE, J. L. Dicionário bíblico, p. 524.

Na visão do Papa Emérito Bento XVI, as injustiças e sofrimentos que marcam a experiência humana derivam,“[...] por um lado, da nossa finitude e, por outro, do volume de culpa que se acumulou ao longo da história e, mesmo atualmente, cresce de modo irreprimível” (Spe salvi, 36).

Então o que esperar do outro mundo?

Para quem ainda tenha dúvida se o ser humano poderá "dar uma carteirada" em Deus, JOSEPH RATZINGER, diz que não é possível. Ele ensina que o ser humano ...

Nossa condição no pós-morte seria um “oba-oba” ou anarquia?

“entra com a sua morte na pura realidade e verdade, e ocupa então o lugar que lhe compete segundo a verdade. [...] O homem é aquilo que é em verdade. Nessa queda das máscaras que se verifica na morte consiste o juízo. O juízo é simplesmente a verdade mesma, a sua revelação. Todavia, essa verdade não é um neutrum. Deus é a Verdade, a Verdade é Deus, é “pessoa”. [...] Deus é juiz enquanto Ele mesmo é a Verdade.”

RATZINGER, J. Escatologia: morte e vita eterna, p. 216

Não é uma verdade neutra, nem um julgamento imparcial:

A Spe salvi expõe o sentido do juízo particular como aquele encontro pessoal e definitivo com Cristo, o Juiz e Salvador: “o encontro com ele é o ato decisivo do Juízo. Ante seu olhar, funde-se toda a falsidade. É o encontro com ele que, queimando-nos, nos transforma e liberta para nos tornar verdadeiramente nós mesmos” (Spe salvi, 47).

E no julgamento há dor? Claro que sim:

Na dor desse encontro, em que o impuro e o nocivo do nosso ser se tornam evidentes, está a salvação. O seu olhar, o toque do seu coração cura-nos por meio de uma transformação certamente dolorosa “como que pelo fogo”. Contudo, é uma dor feliz, em que o poder santo do seu amor nos penetra como chama, consentindo-nos no final sermos totalmente nós mesmos e, por isso mesmo, totalmente de Deus. [...] A dor do amor torna-se a nossa salvação e a nossa alegria (Spe salvi, 47).

No entardecer desta vida seremos julgados pelo Amor.
Cf. SÃO JOÃO DA CRUZ. Obras completas: ditos de luz e amor: avisos e sentenças espirituais, n. 59.

Não pelos padrões humanos...

O mal e injustiça serão irrelevantes

PARA DEUS?

A doutrina do juízo ensina que somente Deus pode julgar, pois somente Ele conhece o mais profundo do coração de cada pessoa. Trata-se da certeza de que a injustiça não triunfará, porém não será apagada arbitrariamente numa absolvição geral, como um ato soberano de amor.

“Um amor que destruísse a justiça criaria injustiça, e isso faria dele uma caricatura do amor. O verdadeiro amor é superávit de justiça, abundância que ultrapassa a justiça, mas nunca destruição da justiça que deverá ser e permanecer como a forma básica do amor”.

Para Deus não será insignificante e irrelevante todo o mal da história, mas a verdadeira misericórdia será a vitória sobre toda a injustiça e a sua transformação, o que somente Deus é capaz de fazer: "[...] esta é a bondade 'incondicionada' de Deus, uma bondade que não pode jamais estar em contradição com a verdade e – associada a ela – a justiça"

RATZINGER, J. Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição, p. 125-26.

a existência cristã pode ser resumida com as palavras de São João: “Nós temos reconhecido o amor de Deus por nós, e nele cremos” (1Jo 4,16). Crer no amor de Deus é a esperança fundamental do cristão: “Num mundo em que ao nome de Deus se associa, às vezes, a vingança ou mesmo o dever do ódio e da violência, essa é uma mensagem de grande atualidade e de significado muito concreto” (Deus caritas est, 1).

O cristianismo, ao contrário, quebrou a visão cíclica da história, não há um eterno retorno. A história caminha para uma meta, para o fim que é o verdadeiro começo. Nesse caminho ressoa claramente a voz salvadora e transformadora da realidade: “Tende confiança, eu venci o mundo!”
(Jo 16,33).

O novo mundo, que é representado na imagem da Jerusalém definitiva com que termina a Bíblia, não é uma utopia, ele é a certeza ao encontro da qual caminhamos na fé. Há uma salvação do mundo – é essa a confiança que sustenta o cristão, e que faz com que compense ser cristão também nos dias de hoje.

RATZINGER, J. Introdução ao cristianismo, p. 264.

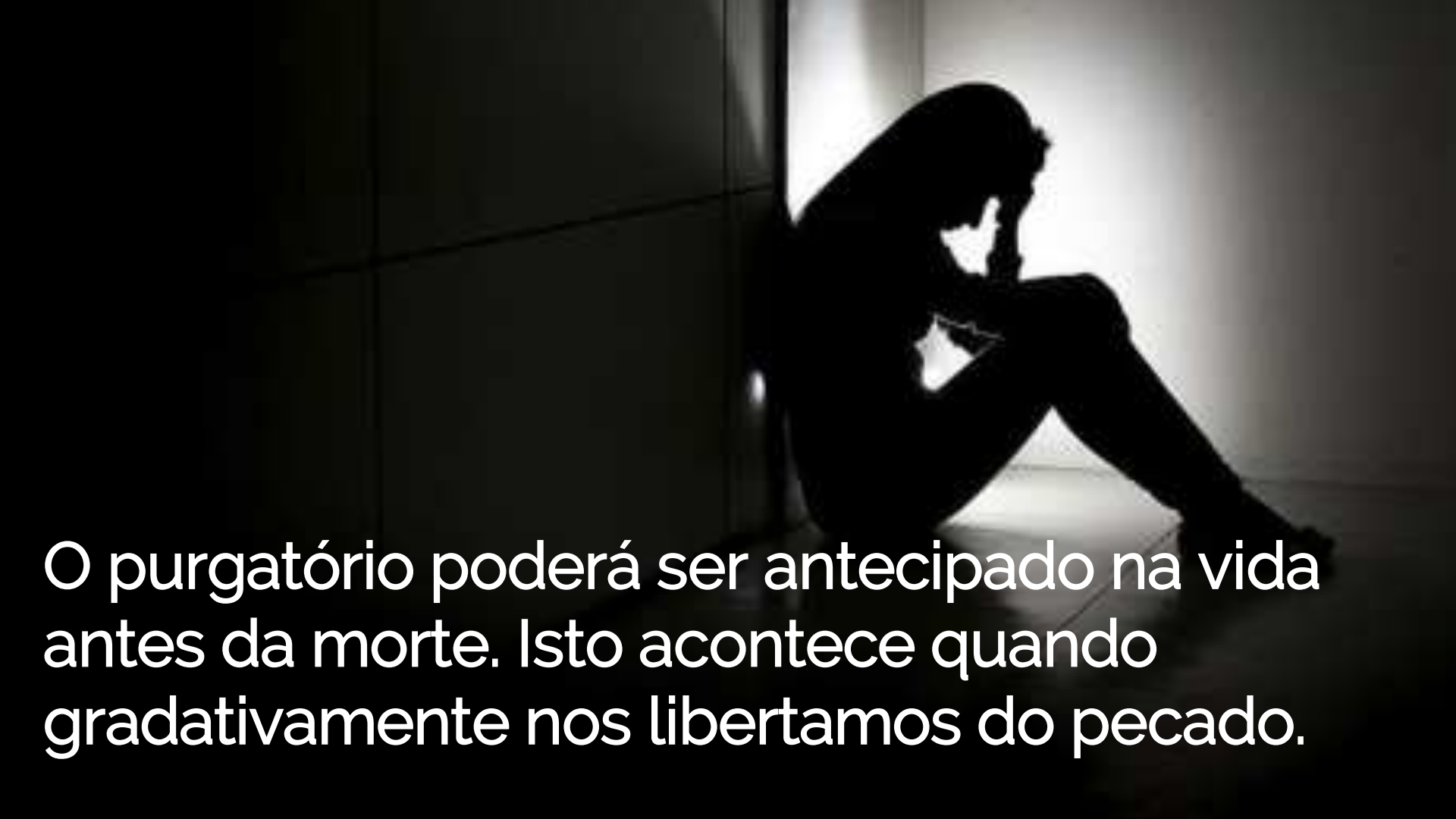
# O PURGATÓRIO

Última oportunidade de amadurecimento para o Bem, para Deus.  O Bom Pastor não quer que se perca nenhuma das suas ovelhas. É preciso purificar-se para participar da felicidade celeste.

Purgatório, na fé católica, deverá ser entendido, então, como algo muito positivo. É a alegria de estar salvo, embora ainda não preparado para o encontro definitivo com o criador. Será uma felicidade incomparável purificar-se para o encontro definitivo com o Bem.

Não existem “almas penadas”. Existem, sim, os benditos que estão em processo de purificação para o encontro final. Purgatório é capacitação para Deus. É nos habilitarmos para um encontro definitivo, eliminando para sempre todos os resquícios da maldade que fazem parte da condição humana.

Na história da Igreja criou-se muitas fantasias sobre o purgatório: fogo, escuridão, sofrimento etc. A doutrina da Igreja é bem clara: o purgatório não é um lugar específico. É um estado de purificação para entrarmos livres e limpos para a glória eterna. Purgatório também não é castigo. É graça.



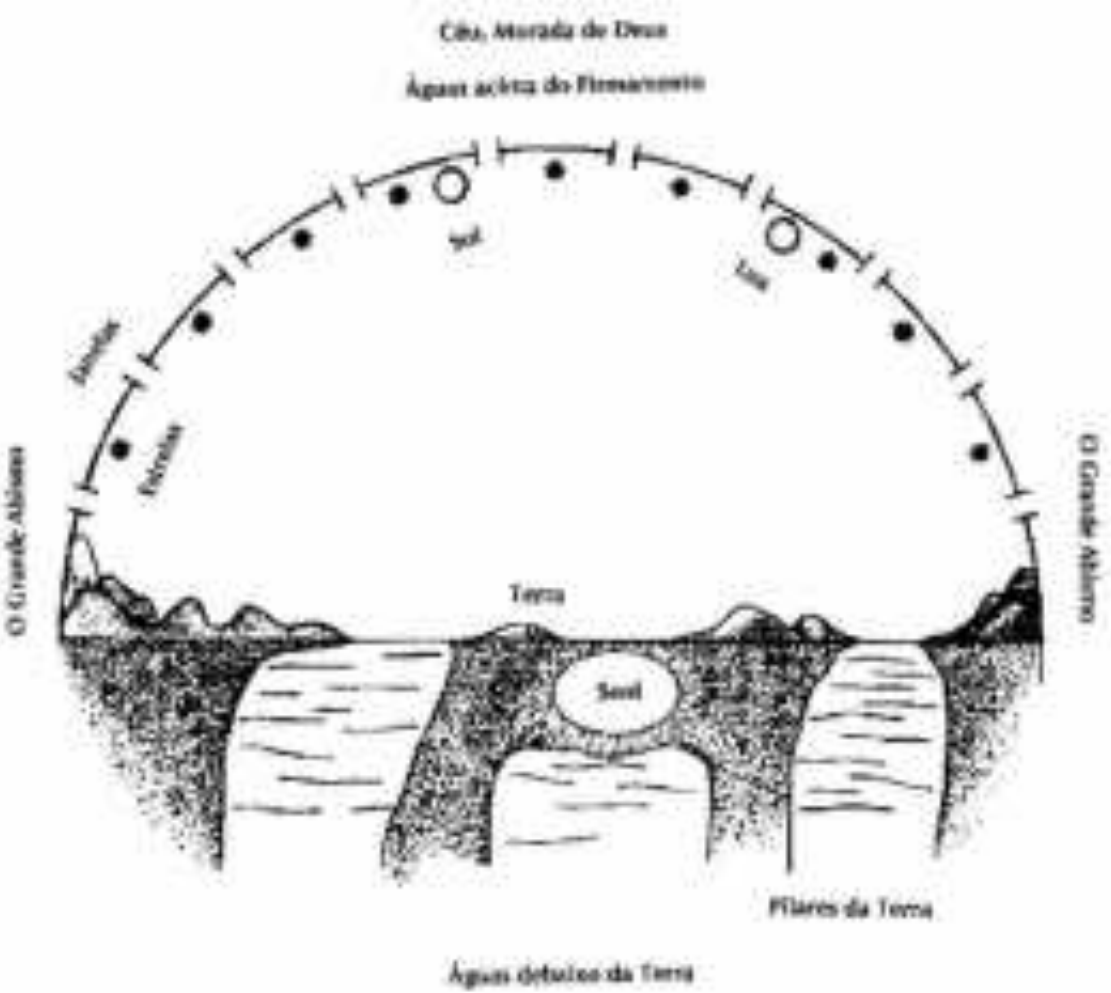
O purgatório poderá ser antecipado na vida antes da morte. Isto acontece quando gradativamente nos libertamos do pecado.

# O INFERNO

# O INFERNO

# O INFERNO

# Origem na antiga cosmologia bíblica: firmamento, terra e xeol...




## CONCEITO HEBRAICO DO UNIVERSO

Geena: um lugar geográfico, considerado maldito, semelhante a uma cratera, onde eram jogados os corpos dos prisioneiros de guerra. É um lugar bem determinado: um precipício localizado no Vale do Hinon, também chamado Vale do Massacre (Jr 7,32-33; 19,6-7).

São imagens simbólicas, que tentam expressar num linguajar humano, comparativo, os tormentos daqueles que se excluem da salvação, dos que não fazem a opção por Deus.

Mas pode existir um estado de dor e sofrimento infinito na morte?

Evidentemente sim: o afastamento e a privação de Deus,

As imagens com que a Sagrada Escritura nos apresenta o inferno devem ser interpretadas de maneira correta. Elas indicam a completa frustração e vazio de uma vida sem Deus. O inferno está a indicar, mais do que um lugar, a situação em que se vai encontrar quem de maneira livre e definitiva se afasta de Deus, fonte de vida e de alegria.

# MATEUS
# 25,41-43

# MARCOS 9,43-48

O Catecismo da Igreja Católica diz: “A pena principal do inferno consiste na separação eterna de Deus, o Único em que o homem pode ter a vida e a felicidade para as quais foi criado e às quais aspira” (§ 1035)

O inferno e uma realidade à qual se chega pelo mau uso da liberdade. Ele é real e consiste em um afastamento voluntário de Deus, que respeita nossa liberdade. Negar o inferno é tentar tirar a responsabilidade que temos sobre nossos atos.

# O PARAÍSO

Para falar do Céu, Paraíso, Cidade Celeste, Século Futuro (entre outras imagens), usamos metáforas bíblicas.

Mas também usamos imagens humanas: visão de Deus; vida eterna plena e feliz; festa permanente; paz e descanso eternos, dentre outras.

O Céu é um “não-lugar” e a expressão “céu” que usamos é reflexo da antiga compreensão de mundo das pessoas.

A matéria prima do Reino de Deus é justamente a história real desse mundo, não um outro reino milagroso, estranho à experiência da humanidade.

# CONCLUSÃO

A salvação é salvação de toda a criação e de todas as criaturas, e não pode ficar restrita à salvação da alma nem à bem-aventurança da existência humana. Se não houver uma salvação da natureza, também não poderá haver uma salvação definitiva do ser humano, pois os seres humanos são seres da natureza.

MOLTMANN, J. Ressurreição da natureza: um capítulo da cristologia cósmica. Concilium: Revista Internacional de Teologia, Petrópolis, n. 318, p. 77, 2006/5.

# Muito obrigado.

# Altierez dos Santos

**CONTATO PARA PALESTRAS:**

**www.AltierezdosSantos.com**

**(16) 982 710 157**

AMOR E TEMPESTADE

Rotas de
NAVEGAÇÃO
PARA PERSEVERANÇA
CATEQUIZANDO

Rotas de
NAVEGAÇÃO
PARA PERSEVERANÇA
CATEQUISTA

NOVELAS BÍBLICAS

a ressurreição dos mortos (não dos corpos!) de que fala a Bíblia refere-se portanto à salvação do ser humano uno e indiviso, e não apenas ao destino de uma metade do homem (eventualmente até secundária). Fica claro, portanto, que o ponto central da fé na ressurreição não consiste na ideia da devolução do corpo, à que ela ficou reduzida, praticamente, em nosso pensamento [...].

RATZINGER, J. Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico, p. 257.

o Concílio de Trento, afirmando a existência do purgatório, a invocação dos santos e a eficácia das indulgências:

Sustento com constância que existe o purgatório e que as almas ali prisioneiras são ajudadas pelos sufrágios dos fiéis, e igualmente que os Santos, que reinam com Cristo, devem ser venerados e invocados, e que eles oferecem orações a Deus por nós [...] afirmo também que por Cristo foi deixado na Igreja o poder das indulgências e que o uso das mesmas é imensamente salutar ao povo cristão (DH 1867).

Credo do Povo de Deus:

Cremos na vida eterna. Cremos que as almas de todos os que morrem na graça de Cristo, quer se devam ainda purificar no fogo do purgatório, quer sejam recebidas por Jesus no paraíso no mesmo instante em que deixam seus corpos, como sucedeu ao bom ladrão (cf. Lc 23,43) – constituem o povo para além da morte, que será definitivamente vencida no dia da ressurreição, quando estas almas se reunirão aos seus corpos. Cremos que a multidão das almas que, com Jesus e Maria, estão congregadas no paraíso, forma a Igreja do céu, onde, na eterna bem-aventurança, vêem a Deus como Ele é (cf. 1Jo 3,2), e onde são também, em grau e modo diversos, associadas aos santos anjos no governo divino exercido por Cristo glorioso, intercedendo por nós e, com sua fraterna solicitude, ajudando grandemente a nossa fraqueza.

Há uma meta história a nossa espera, a ser por nós também realizada, um mundo onde o amor impera a todas as outras realidades, onde a fome, a sede, serão realidades absurdas, onde a amizade chega ao seu ápice, a intimidade entre os homens será tamanha que não há o`que pedir, conhece-se o outro porque ama-se e amando se conhece cada vez mais. Não será mais preciso explicações, há amor, compreensão e misericórdia. A união gerada pelo amor gera a sintonia entre os corações, que pulsam unidos, há um só desejo, a felicidade do amado. Nosso irmão visto com o olhar de Cristo, é filho, como eu também sou filho, somos iguais, parte do mesmo corpo, do mesmo tecido, cada um com seus atributos e diferenças. Atentos a vontade do Pai, realizamos o reino, mesmo que ainda de forma embrionária, mas semeando, espalhando suas sementes podemos vê-lo frutificar.

Em nós, temos o melhor abrigo para guardarmos e proteger aqueles que amamos, em nossa memória e no mais intimo de nosso ser, o coração. Nós mesmos podemos experimentar a eternidade daqueles que amamos, que guardados na memória e no coração são para nós eternalizados no amor. Podemos então analogamente imaginar o que é ser imortalizados no amor de Deus. Guardados em seu coração, fazendo assim parte de seu ser, vivos em sua glória e eternamente a ele unidos.

(...) As reflexões precedentes deixaram mais ou menos claro qual é o ponto essencial do anúncio bíblico da ressurreição: o seu conteúdo essencial não é a ideia de uma devolução dos corpos às almas depois de um longo período intermediário; o seu sentido é dizer aos seres humanos que eles mesmos continuarão vivendo, não por seu próprio poder mas porque eles são conhecidos e amados por Deus de uma maneira que já não permite que eles pereçam. Ao contrário da concepção dualista da imortalidade que encontra a sua expressão no esquema grego de corpo e alma, a fórmula bíblica de imortalidade pretende transmitir uma ideia dialogal que abrange o ser humano como um todo: a essência do ser humano, a pessoa, continuará existindo; aquilo que amadureceu durante a existência terrena de espiritualidade corporificada e de corporalidade espiritualizada continuará existindo de outra maneira. A sua existência continua porque vive na memória de Deus. E como é o próprio ser humano que viverá e não uma alma isolada, o elemento inter-humano fará parte desse futuro; por isso o futuro do ser humano individual só estará completo quando estiver cumprido o futuro da humanidade.
RATZINGER, Joseph. Op. cit., p. 259-260.

Ao refletirmos sobre o céu (...) dizíamos que o céu não é um lugar para o qual vamos, mas uma situação na qual seremos transformados, se vivermos no amor e na graça de Deus. O céu de nossas estrelas e de nossas viagens espacial dos astronautas e o céu de nossa fé não são portanto idênticos. Por isso quando rezamos no Credo, domingo após domingo, que Cristo subiu aos céus não queremos dizer que Ele, antecipando a técnica moderna empreendeu uma viagem sideral. Para o céu da fé não existe tempo, direção, distância, espaço. Isso vale para o nosso céu temporal. O céu da fé é Deus mesmo de quem as escrituras dizem: "Ele mora numa luz inacecível ( 1Tm 6,16)." BOFF, Leonardo. Op. cit., p. 171.

# A morte é o amanhecer para a verdadeira vida.